

Adriana Moreira Pedro

**A leitura de livros no Brasil e as novas tecnologias para  
leitura**

CELACC/ECA-USP

2013

Adriana Moreira Pedro

**A leitura de livros no Brasil e as novas tecnologias para  
leitura**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação  
em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a  
orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Rodrigues.

CELACC/ECA-USP

2013

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Joana Rodrigues, que me orientou neste trabalho, a todos os meus amigos, em especial Marina Nogueira, Renata Callari, Juliana Attie, Grace Mosquera Clemente e Elaine Pinto que contribuíram na realização do artigo, e à minha família, que me deu apoio.

## Sumário

Introdução.....	06
1. Livro, leitura e biblioteca: história e desdobramentos .....	07
1.1 O livro .....	07
1.2 A produção editorial no Brasil e sua história .....	09
1.3 O que é leitura .....	11
1.4 As bibliotecas .....	13
2. O que os teóricos mostram.....	14
3. A situação da leitura no Brasil .....	20
4. Resultados.....	21
5. Considerações finais.....	24
Referências bibliográficas.....	26
Anexos .....	29
Apêndices .....	35

# A leitura de livros no Brasil e as novas tecnologias para leitura

Adriana Moreira Pedro<sup>1</sup>

## Resumo

Apesar da grande oferta de novas tecnologias, que podem auxiliar e dinamizar o acesso aos livros, a prática da leitura vem diminuindo no Brasil. Este artigo pretende percorrer os “caminhos da leitura no país” por meio da história do livro, de sua produção no país, das bibliotecas e do que é, afinal, leitura, observando os conceitos de teóricos da leitura e do livro, para traçar um panorama da atual situação de declínio da prática da leitura no país.

**Palavras-chave:** livro, leitura, biblioteca, novas plataformas de leitura, leitura no Brasil.

## Abstract

Reading has been diminishing in Brazil in spite of the wide range of new technologies facilitating the access to books. This article intends to cover the “paths of reading” in Brazil. Beginning with the local history of the book and its production, and taking libraries into account, the goal is to examine the very concept of reading in the country and – based on theories about book-reading –outline a broad view of the current situation of this practice among Brazilians.

**Keywords:** book, reading, library, new platforms of reading, reading in Brazil.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-FCLAR) em 2007; revisora e preparadora.

## **Resumen**

Mismo con la grande oferta de nuevas tecnologías, que pueden ayudar y dinamizar el acceso a los libros, la práctica de lectura viene disminuyendo en Brasil. Este artículo intenta hacer los “camino de la lectura en el país” por intermedio de la historia del libro, de su producción en el país, de las bibliotecas y del concepto de lectura, observando las definiciones de teóricos acerca de la lectura y del libro, para desarrollar un panorama de la actual situación del declínio de la práctica de la lectura en el país.

**Palabras clave:** libro, biblioteca, nuevas plataformas de lectura, lectura en Brasil.

## Introdução

Observa-se hoje uma diminuição da prática da leitura no Brasil. Ainda que existam mais recursos para a leitura, propiciados pelo advento das novas tecnologias, o número de leitores e de livros lidos no Brasil tem apresentado declínio.

Ao longo da história, desde a sua origem aos tempos atuais, o livro passou por várias mudanças na forma de se produzir, e tais mudanças proporcionaram maior acesso por parte dos leitores a esse suporte. Embora as evoluções produtivas do livro tenham sido de fundamental importância e expandido o acesso desse produto, elas, por si só, não garantem a leitura.

Mesmo que a sociedade atual tenha grande oferta de livros nos mais diversos suportes, seja ele o tradicional (impresso), seja por meio de recursos digitais (computadores, *e-readers*, *tablets*) – como se observa pelos dados coletados na pesquisa feita no ano de 2011 intitulada *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*<sup>2</sup> que apresenta um aumento de títulos publicados de 6,28% em relação a 2010 – constata-se também por meio de pesquisas<sup>3</sup> que o ato da leitura de livros tem sido menos praticado no Brasil.

As novas plataformas digitais de leitura, isto é, novos sistemas em que a leitura de livros pode ser feita como *tablets*, computadores, *e-readers* e audiolivros ainda não contribuem para um aumento do número de leitores; a leitura por meio das ferramentas digitais, em sua maioria, é restrita a pesquisas ou à obtenção de informações rápidas. Esses recursos ainda são pouco utilizados para a leitura completa de um livro, seja ele para fins de entretenimento, seja para estudo.

As bibliotecas, outro setor intimamente relacionado à difusão dos livros, também não têm apresentado um aumento do número de usuários em seu espaço físico ou em bancos de dados de bibliotecas digitais, tornando-se locais que recebem ou pessoas que já são leitoras assíduas ou estudantes que necessitam de livros para pesquisa.

---

<sup>2</sup> Pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE/USP) sob encomenda da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Disponível em: <[www.abdl.com.br/UserFiles/fipe2011.pptx](http://www.abdl.com.br/UserFiles/fipe2011.pptx)>. Acesso em: 26/04/2013.

<sup>3</sup> O Instituto Pró-Livro fez uma pesquisa detalhada com apoio da ABRELIVROS, CBL e SNEL na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em: <[http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf)>. Acesso em: 26/04/2013.

Diante desse panorama, resta pensar o que pode ser feito para que mais pessoas leiam, leiam mais, e não percam o contato com o livro, seja ele em qualquer suporte. O que se busca é atingir um nível de leitura de qualidade, e não apenas uma leitura rápida e desinteressada como ocorre hoje nessa “era tecnológica”.

É papel das universidades, dos estudiosos e das bibliotecas, juntamente com o poder público, tentar pensar o que pode ser feito para conservar a cultura e difundir a prática da leitura no Brasil. Além disso, é de fundamental importância que essas instituições também se ocupem da tarefa de como produzir cultura nos dias atuais levando em consideração as novas plataformas digitais disponíveis.

É com base principalmente nos conceitos de Roger Chartier, especialista em história do livro e da leitura, e Robert Darnton, historiador e diretor da Biblioteca da Universidade de Harvard, que este artigo pretende discutir a problemática do livro e da leitura no Brasil.

Além disso, através da análise de dados sobre leitores, classificando essas pessoas por faixa etária, por região e por classe social, vê-se a diminuição na leitura que temos hoje no Brasil, mais especificamente tratando de leitores que têm acesso a livros, mas não necessariamente os leem e, quando o fazem, preferem ficções com um texto mais simples, de fácil leitura ou textos informativos.

O resultado de um questionário respondido por pessoas de 25 a 35 anos, moradores da cidade de São Paulo, de classe média e trabalhadores (sendo que alguns também estudam) reforça os dados apontando uma diminuição na leitura.

E, em uma entrevista concedida por Roger Chartier sobre suas observações com relação à leitura no Brasil e no mundo e suas mudanças, afirmam-se os dados obtidos pelas pesquisas mencionadas.

## **1. Livro, leitura e biblioteca: história e desdobramentos**

Com base na história do livro, de seu surgimento e produção no Brasil, assim como na história da leitura e das bibliotecas no país, pretende-se traçar um panorama para uma visão mais global do tema em discussão.

### **1.1 O livro**

A história do livro é indissociável da história da escrita. Sobre o surgimento desta, aborda Robert Darnton (2010, p. 39):

Em algum momento, por volta de 4000 a.C., os humanos aprenderam a escrever. Os hieróglifos egípcios datam de aproximadamente 3200 a.C., e a escrita alfabética surgiu em mais ou menos 1000 a.C. Segundo pesquisadores como Jack Goody, a invenção da escrita foi o avanço tecnológico mais importante da história da humanidade. Ela transformou a relação do ser humano com o passado e abriu caminho para o surgimento do livro com força histórica.

A escrita surge na Antiguidade e inicialmente tem seus códigos produzidos em pedra ou argila. O primeiro suporte desenvolvido pelo homem para compilar sua escrita foi o *volumen*. Segundo Reimão (2004), “[o *volumen*] era utilizado pelos egípcios desde por volta de 2700 a 2400 a. C., feito de cilindro e papiro, o qual era desenrolado conforme a leitura”. O papiro, do qual era feito o *volumen*, sede lugar ao pergaminho, com material mais resistente. E, depois do *volumen*, tem-se o *codex*, que ganha a estrutura de páginas, não mais em formato de rolo. Portanto, é desse suporte que surgiu pela primeira vez a ideia de livro tal qual a concebemos hoje.

O códice, por sua vez, foi transformado pela invenção da impressão com tipos móveis por volta de 1455. [...] a invenção de Gutenberg [1455] se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores. Ainda que a tecnologia de impressão não tenha sofrido mudanças por quase quatro séculos, o público leitor ficou cada vez maior graças a melhorias na alfabetização, educação e acesso à palavra impressa [...]. (DARNTON, 2010, p. 40)

O advento da impressão com tipos móveis possibilitado por Johannes Gutenberg, em 1455, fez com que a produção de livros mudasse completamente, uma vez que, com a nova técnica, poderiam ser produzidos muito mais livros em pouco tempo e a um custo menor. Essa invenção representou uma grande revolução na história do livro.

Segundo Darnton, depois de Gutenberg, a internet é a nova revolução dessa história; e hoje se vê que mudanças também vêm ocorrendo com ela, da mesma forma que houve alterações na produção na era Gutenberg: “A comunicação eletrônica [...] aconteceu ontem – ou anteontem, dependendo dos seus parâmetros. A internet, pelo menos como termo, data de 1974”. (DARNTON, 2010, p. 40)

Com a chegada da internet, tem-se a grande revolução dos tempos atuais, como aconteceu na era de Gutenberg que mudou toda a história do livro com sua invenção. Essas são as principais transformações que ocorreram com o livro. Para o historiador Chartier (2009, p. 7),

[...] a primeira tentação é comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg. Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita.

Da mesma forma que Gutenberg revolucionou em seu tempo, criando os tipos móveis, hoje, com as novas plataformas de leitura, tem-se uma nova revolução, a qual não se prende apenas ao “livro objeto” como forma de se ler, mas há também o livro na tela do computador, que proporciona outra forma de leitura, da mesma maneira que também era diferente o modo de se ler na antiguidade. Chartier (2009, p.12-3) ainda observa que,

[...] é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defronta o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra [...], o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Assim, nota-se que o livro vem mudando juntamente com as novas plataformas de leitura, possibilitando outras formas de leitura.

## **1.2 A produção editorial no Brasil e sua história**

As atividades editoriais no Brasil se iniciam no começo do século XX no Rio de Janeiro, até então capital do país, com os livreiros-editores Baptiste Louis Garnier e Eduard Laemmert.

A partir de 1915, a cidade de São Paulo passa a viver um momento de expansão. Aproveitando-se desse cenário, o escritor paulista Monteiro Lobato montou a primeira empresa com equipamentos adequados à produção de livros, sendo o responsável pelos primeiros investimentos nacionais na área livreira.

Na década de 1930 observa-se o profissionalismo e a atenção do livreiro José Olympio para o mercado editorial. Ele conquistou os mais importantes autores brasileiros, os quais fizeram de sua livraria um ponto de encontro. No entanto, com a chegada da Segunda Guerra Mundial, a editora de José Olympio

[...] passou a optar por traduções, em 1955 a loja fecha e fica apenas como editora. Na década de 1970 retorna à literatura brasileira com a compra da editora Sabiá, entra no mercado de didáticos, em 1974, com a saúde financeira abalada pela recessão mundial acabou sendo controlada pelo BNDE (atual BNDES) [Banco Nacional do Desenvolvimento]. (PAIXÃO, 1995, p.84)

Um diferencial de José Olympio é que ele investe na apresentação gráfica quando isso ainda era uma novidade. Não à toa, teve capistas e ilustradores como o artista Candido Portinari, inaugurou o método da crítica nas orelhas dos livros, modificou o formato dos livros de 18 cm x 12 cm para 21,5 cm x 13,5 cm, e adotou o sistema domiciliar de vendas.

Entre 1945 e 1964, outro importante livreiro, Martins Fontes, lançou coleções de destaque e, sem ceder às pressões de Getúlio Vargas, então presidente do país, prestigiou autores nacionais. Contando com recursos esparsos, no início de seu negócio, Martins Fontes opta pela importação de livros, mas, com o advento da Segunda Guerra e com ela as dificuldades para a importação, decide ser editor e produzir obras brasileiras. Martins Fontes editava livros de autores perseguidos pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, que não eram condescendentes com o regime político. Assim como José Olympio, Martins Fontes também inovou nas capas e ilustrações, com exemplares feitos por artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, entre outros.

Nas décadas de 1980 e 1990, começam a surgir no país os livros esotéricos e de autoajuda, que despontam na liderança de vendas na década de 1990. Ainda nesta década, os audiolivros e CD-Roms começam a redefinir o futuro da página impressa, apontando para o advento de novas formas de leitura.

Atualmente são encontradas várias plataformas de leitura, como computadores, *tablets*, celulares, leitores de livros digitais (*e-readers*), que facilitam o acesso às informações e dão liberdade de escolha ao leitor, que pode optar pela ferramenta de leitura que lhe seja mais útil.

O primeiro leitor de livro digital a ser comercializado no Brasil foi o chamado Cool-er, importado da China em 2009 e vendido pelo site pioneiro em comercialização de *e-books* no Brasil, a Gato Sabido, que estreou no mercado editorial no mesmo ano. Segundo matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 31 de janeiro de 2013, hoje a aposta de venda de *tablets* em relação ao livro digital (*e-reader*) é maior, pois, além de ser uma ferramenta de leitura de *e-books*, os *tablets* apresentam mais recursos que os *e-readers*. A mesma matéria ainda cita uma pesquisa feita por uma consultoria nos Estados Unidos, em dezembro de 2012, que informa uma venda de 14,9 milhões de *e-readers*, uma queda de 36% em relação a 2011; e a estimativa para 2013 é de 10,9 milhões de unidades, afirmando essa tendência de preferência pelos *tablets*, já que nos últimos três meses de 2012 os iPads (*tablets* da marca Apple) tiveram uma venda de 14 milhões de aparelhos.

Mesmo com a diversidade de plataformas digitais existentes, os livros impressos têm seu espaço e as editoras vão se inovando; como ocorre com as editoras que apostam em outros segmentos, criando novos selos. Um dos gêneros que mais cresce atualmente no universo de livros impressos é o de HQs (histórias em quadrinhos); a editora Companhia das Letras chegou inclusive a criar um selo específico para esse gênero, o Quadrinhos na Cia.

### **1.3 O que é leitura**

Pode-se dizer que o processo de leitura se inicia logo que o indivíduo nasce, originado da necessidade inerente ao homem de compreender o mundo à sua volta. Nesse sentido, tenta-se “dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler”. (MARTINS, 2011, p.11)

Para Alberto Manguel (2009, p. 20), “Ler [...] vem antes de escrever. Uma sociedade pode existir – existem muitas, de fato – sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler”. A leitura é, portanto, fundamental na relação entre indivíduo e sociedade; sem a leitura o indivíduo não é capaz de fazer parte ativamente

de uma sociedade, isto é, não atinge a familiaridade e o conhecimento do mundo que está a sua volta.

Diferentemente dessa leitura imanente, que o indivíduo faz do mundo, a leitura de livros pela sociedade sofreu mudanças através dos tempos. Até o século XVIII, lia-se uma pequena quantidade de textos específicos, em busca de conhecimentos, e com o passar do tempo a leitura foi tomando outra configuração, passando a ser empregada também como forma de entretenimento. Como afirma Darnton (2010, p.216),

[...] os leitores tendiam a estudar laboriosa e repetidamente um pequeno número de textos, em especial a Bíblia. Depois dessa revolução, passaram a consumir vorazmente todo tipo de material, buscando entretenimento em vez de edificação. Essa passagem da leitura intensiva para a extensiva coincidiu para uma dessacralização da palavra impressa.

Nas últimas décadas, a população brasileira apresentou melhores condições de trabalho e estudo. Até a metade do século XX, quando o ensino era mais restrito a famílias com dinheiro e poder, poucas pessoas sabiam ler, logo, essas famílias detinham o conhecimento, pois podiam ler e passar o conhecimento para os outros da forma que lhes fosse mais conveniente, conforme sua interpretação.

Segundo o Censo Demográfico de 2010, feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o país apresentou diminuição na taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais, que caiu de 56% em 1940 para 9,6% em 2010. Logo, mais pessoas sabem ler e essa leitura é feita de forma diferente por cada leitor, uma vez que cada um pode interpretar à sua maneira, com base em seus conhecimentos.

Assim, as pessoas têm a liberdade de interpretar a partir de seu modo, o que leem, e essa leitura sempre será feita e entendida conforme cada época e cada sociedade de que fazem parte, pois é a partir disso que se forma a história da leitura.

[...] Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 2009, p.77)

## 1.4 As bibliotecas

Quanto à história das bibliotecas, suas origens remontam ao século VII a.C., quando elas eram compostas de tabletes de argila ou pedra, as chamadas bibliotecas “minerais”; em seguida, vieram as bibliotecas “vegetais e animais”, com papiros feitos de vegetal e com pergaminhos de couro de animais; e, por fim, com o surgimento do papel, nasceu a biblioteca de livros. Long (2008, p. 4) nos aponta sobre a origem do papel:

Desenvolvido no ano 105 por T'sai Lun [na China] que produziu papel por meio da polpação de redes de pesca e de trapos de tecido. Só mais tarde iria utilizar fibras vegetais. Os espécimes que chegaram até nossos dias provam que o papel feito pelos antigos chineses era de alta qualidade, comparável ao papel normal feito atualmente.

A biblioteca mais antiga é a do rei Assurbanipal, do século VII a.C., também conhecida como Biblioteca de Nínive – capital do Império Assírio que se localizava perto do rio Tigre – composta de placas de argila em escrita cuneiforme, isto é, escrita produzida com objetos em formato de cunha. Já a mais famosa delas é a Biblioteca de Alexandria, no Egito, com “500/700 mil volumes, 40 a 60 mil manuscritos em rolo de papiro” (LONG, 2008, p.7). Ainda sobre a Biblioteca de Alexandria, afirma Araújo (1986, p. 37): “Ptolomeu I Soter fundou, por volta de 2900 a.C. uma biblioteca em Alexandria, que durante mais de dois séculos, até sofrer o incêndio de 47 a.C., exerceu profunda influência nos caminhos da editoração”.

No Brasil, a primeira biblioteca e a mais importante delas é a Biblioteca Nacional, instalada no Rio de Janeiro em 1810, com o nome de Real Biblioteca, quando chegam ao Brasil os primeiros lotes de livros. Fundada por D. João VI, o acervo da Real Biblioteca foi trazido da Biblioteca de Portugal quando a família real portuguesa se instalou no Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte que invadiram seu país.

As bibliotecas sempre foram muito importantes na difusão do conhecimento, pois é nelas que se detêm informações sobre os mais variados assuntos e em que se preserva toda a produção do conhecimento. No entanto, cada vez menos pessoas fazem uso desses espaços; através de uma pesquisa que será apresentada posteriormente mostram-se esses dados.

Em consonância com os novos tempos, surgem as bibliotecas digitais, como a Biblioteca Nacional Digital do Brasil, criada pela Biblioteca Nacional em 2006 acompanhando os novos tempos com a digitalização de seu acervo.

Sob esse novo formato de armazenamento de informação e conhecimento, a Biblioteca Brasileira, da Universidade de São Paulo (USP), que tem uma sede física, aberta ao público em 2013 na Cidade Universitária, mantém igualmente seu acervo digital, que busca auxiliar seus usuários, na maioria estudantes, além de auxiliar outras bibliotecas na digitalização de seus acervos. Segundo o site da própria biblioteca, a USP dispõe de um acervo bibliográfico e documental sobre assuntos brasileiros único no mundo. O Projeto Brasileira USP resulta da responsabilidade em ampliar o acesso a seus acervos, já que a Universidade detém recursos técnicos que permitem fazê-lo. Esse Projeto pretende formar uma brasileira digital, através de uma rede nacional de instituições públicas e privadas dispostas a participarem dessa empreitada.

Assim, observa-se que a história do livro, que passa pela história de sua produção e pela história das bibliotecas, é permeada de diversas mudanças, as quais dependem dos recursos existentes e de cada época, no que se refere ao acesso e à forma de leitura.

## **2. O que os teóricos mostram**

Através da história do livro, percebe-se em quanto tempo as mudanças foram ocorrendo nesse segmento, segundo nos mostra os estudos de Darnton (2010, p. 41):

Disposta dessa forma, a velocidade das mudanças é de tirar o fôlego: da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo?

Atualmente há vários recursos disponíveis para a prática da leitura, entre eles os meios digitais. Quanto a esse tema, um tanto controverso e que merece especial atenção, deve-se ter certo cuidado, uma vez que as empresas detentoras dos meios digitais pretendem deter os meios e os direitos sobre a utilização das formas de leitura.

Robert Darnton mostra os perigos que uma empresa como o Google pode revelar ao controlar o acesso de livros na internet, uma vez que tal empresa vem

firmando parcerias com bibliotecas para digitalizar seus acervos (Google Book). O Google afirma que irá disponibilizar os arquivos digitalizados com livre acesso em um único terminal por biblioteca pública, já mostrando as restrições que esse sistema revela, representando um monopólio no que hoje se chama “sociedade da informação”. Ainda segundo Darnton (2010, p. 38), “se desequilibrarmos as coisas neste momento, interesses privados poderão sobrepujar o bem público por todo o futuro próximo...”. Desse modo, o interesse dessas empresas é meramente comercial, afinal, trata-se de empresas privadas, e seus objetivos não são difundir a cultura e o conhecimento; o que querem é apenas lucro.

A pesquisadora Maria Helena Martins, em seu estudo sobre o que é leitura, também se debruça sobre essa problemática da restrição e resistência à leitura, principalmente em se tratando das comunidades carentes, que têm menos oportunidade de obter informações e conhecimento, interpretá-los e criticá-los. Da mesma forma que também pode ser mais oportuno para empresas como o Google, já mencionado, Martins (2011, p. 20) cita que a elite intelectual e dominante pode achar mais oportuno o fato de a grande maioria da população não ter acesso à educação, ao conhecimento:

Esse tipo de resposta, a de não querer ler, vem ao encontro dos interesses das minorias dominantes. Por certo, não estimulada abertamente; ao contrário, os “sabedores das coisas”, na aparência, estão sempre prontos a ensinar a ler. Só que a seu modo. Esse desafio os indivíduos e as sociedades carentes como a nossa precisam aprender a enfrentar [...]

Dessa maneira, é necessário que os indivíduos que se preocupam com a cultura e com a difusão do conhecimento saibam ler o que está à sua volta e adquiram um posicionamento crítico diante de tal situação, não apenas se debruçando sobre a leitura da palavra, mas também sobre a leitura de mundo. É necessário que se saiba ler sob o ponto de vista de sua própria visão de mundo com relação àquilo que se vê, atentando para a realidade e não para aquilo que dizem ser a realidade. Hoje, diante de um leque de oportunidades de informação e de mais liberdade de escolha, é necessário saber usar dessa liberdade para não se deixar manipular por outros interesses.

Além das plataformas digitais citadas acima, os audiolivros, que se incluem nessas novas plataformas de leitura, de certa forma também podem tirar essa liberdade dos leitores, uma vez que eles estão “engessados” na leitura feita por outra pessoa. Segundo Manguel, o “leitor” tem a oportunidade de ouvir um livro no carro, mas não a

de voltar a uma passagem preferida ou de ler mais rápido ou devagar. Logo, apesar da liberdade de escolha em ouvir um livro, o leitor não pode escolher de que forma o lerá, tendo em vista que o audiolivro apresenta uma única possibilidade de leitura, a passiva.

Ainda versando sobre a questão da liberdade e do espírito crítico que caracteriza o mundo moderno, pode-se citar o estudo do sociólogo Zygmunt Bauman (2013, p. 31), em defesa de que a liberdade sem conhecimento pode não ser proveitosa.

Somos talvez mais “predispostos à crítica”, mais assertivos e intransigentes em nossas críticas, que nossos ancestrais em sua vida cotidiana, mas nossa crítica é, por assim dizer, “desdentada”, incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na “política-vida”. A liberdade sem precedentes que nossa sociedade oferece a seus membros chegou, como há tempo nos advertia Leo Strauss, e com ela também uma impotência sem precedentes.

Assim, o que se almeja é o conhecimento. Sem ele não é possível alcançar longas distâncias, superar grandes barreiras, ainda que se tenha liberdade, pois não há base para se defender uma ideia ou entender determinados assuntos. Logo, a escola tem um papel fundamental na formação do conhecimento, mas percebe-se que ela ainda não é capaz de despertar o interesse pela leitura, e conseqüentemente a busca individual do aprendizado. É recorrente, devido à forma como são educados, o desinteresse dos alunos por essa prática. Segundo Martins (2011, p. 23),

[...] muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos [...]. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender [...], impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Independentemente de a taxa de analfabetismo no Brasil ter sofrido redução muito considerável de 1940 a 2010, a falta de interesse pela leitura é recorrente, uma vez que o aprendizado ainda é feito de forma mecânica. É necessário que se ensine os alunos a pensar por eles mesmos, raciocinando e criticando o que observam. Uma leitura mecânica, que não traz frutos para o indivíduo, não é capaz de trazer interesse e gosto pela prática da leitura, e muito menos trazer conhecimento.

Martins cita outro tipo comum de leitura, a chamada leitura emocional, na qual o indivíduo apenas lê e se envolve sentimentalmente com o texto. O leitor não impõe

uma racionalidade para dialogar com o que lê e extrair do texto algo que se relacione como o seu conhecimento de mundo.

Na leitura emocional o leitor se deixa envolver pelos sentimentos que o texto lhe desperta. Sua atitude é opiniática, tende ao irracional. Contam aí os critérios do gosto: gosta ou não do que lê por motivos muito pessoais ou por características textuais que nem sempre consegue definir. [...] Já na leitura racional o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele. (MARTINS, 2011, p. 71)

Ainda sobre as diversas possibilidades individuais de leitura, que passam pelo conhecimento de mundo de cada indivíduo, Manguel (2009, p. 239) afirma:

[...] o significado de um texto é ampliado pelas capacidades e desejos do leitor. Diante de um texto, o leitor pode transformar as palavras numa mensagem que decifra para ele alguma questão historicamente não relacionada ao próprio texto ou a seu autor. Essa transmigração de significado pode enriquecer ou empobrecer o texto; invariavelmente o impregna com as circunstâncias do leitor. Por meio de ignorância, fé, inteligência, trapaça, astúcia, iluminação, o leitor reescreve o texto com as mesmas palavras do original, mas sob outro título, recriando-o, por assim dizer, no próprio ato de trazê-lo à existência.

Desse modo, a leitura de cada um é única e depende de como é feita, já que para duas pessoas de realidades diferentes, isto é, pessoas que vivem e foram criadas em lugares e de formas diferentes, a leitura de um mesmo livro pode ser interpretada de maneiras completamente distintas ou, até mesmo, pode-se ler um livro quando criança e interpretá-lo de uma maneira e ler o mesmo livro quando adulto e ter uma outra visão e interpretação da leitura feita.

Além de cada indivíduo ler e interpretar a seu modo, os hábitos de leitura também vêm sofrendo mudanças, pois hoje existe uma relação de leitura em espaços públicos diferente daquela que se tinha até o século XIX. Houve épocas em que a prática da leitura, em especial nas escolas de primeiro grau no Brasil, era realizada em voz alta. O que exercitava nos alunos a capacidade de modular a entonação, o tempo de raciocínio entre outros aspectos, direcionando-se ao público. Com as mudanças dos conteúdos programáticos e as inúmeras alterações nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), uma das medidas norteadoras dos conteúdos do ensino nas escolas públicas e privadas, essa forma de aprendizagem foi abolida do currículo escolar. Também, de maneira geral, a leitura se transformou em uma atividade individual e solitária: cada um lê seu livro e não compartilha sua experiência com quem está à sua volta.

A leitura em voz alta alimentava uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos. A leitura silenciosa, mas feita em um espaço público (a biblioteca, o metrô, o trem, o avião), é uma leitura ambígua e mista. Ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é provada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo invisível que o isola. [...] Com o texto eletrônico poderia se produzir uma reversão definitiva. Na biblioteca, ler-se-á isoladamente. E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor enquanto, até então, o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. **A relação privada com o texto corre o risco de se separar de toda forma de espaço comunitário** [...]. (CHARTIER, 2009, p. 144, grifo nosso).

A leitura digital é a forma mais atual de leitura, e ela traz a ideia da biblioteca também digital. Sobre esse tema, Chartier (2009, p. 153) aponta: “A biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa do futuro, mas a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas da cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário”. Apesar da expansão das bibliotecas digitais, a biblioteca física não deve perder a sua importância, já que ela é fundamental no processo de preservação da cultura.

A ideia da biblioteca universal, tão idealizada desde a biblioteca de Alexandria, é sonho provável quando se pensa nas bibliotecas digitais, pois através delas é possível que se tenha acesso a livros do mundo inteiro pela tela do computador, mas sem poder manuseá-los.

Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. [...] Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar. Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável.

[...]

Assim, ao universal, prometido pelo intercâmbio dos saberes e informações, opõe-se a justaposição de identidades singulares, voltadas para as suas diferenças. Portanto, refletir sobre as revoluções do livro e, mais amplamente, sobre os usos da escrita, é examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo universal. (CHARTIER, 2009, p.117 e 133)

Portanto, é necessário pensar nas mudanças que as transformações relacionadas ao meio digital causarão no leitor, naquilo que se lê e na forma como é lido. “É inútil manter um discurso de rejeição total, absoluta, como se a qualidade fosse por essência estranha à cultura de massa” (CHARTIER, 2009, p. 148).

Hoje, com as mais diversas formas de leitura, nos mais diversos suportes, observa-se uma leitura de livros compartimentada, que pode prejudicar o entendimento do texto como um todo. A esse tipo de leitura dá-se o nome de hipertexto. Como afirma Manguel (2009, p. 355): “[...] é o espaço narrativo não sequencial possibilitado pelos computadores. [...] O leitor de um hipertexto pode entrar no texto praticamente em qualquer ponto [...]”. Tanto essa forma de leitura como a leitura emocional, mencionada anteriormente, são tipos de leitura que podem não contribuir para a aquisição de conhecimento. Quanto a essa nova fase da leitura, o argentino Néstor García Canclini (2008, p. 58-9), antropólogo e estudioso da pós-modernidade, observa:

As telas de nosso século também trazem textos e não podemos pensar sua hegemonia como o triunfo das imagens sobre a leitura. É certo, porém, que mudou a maneira de ler. Os editores ficam mais reticentes frente aos livros eruditos de tamanho grande; as ciências sociais e os ensaios cedem suas estantes, nas livrarias, a best-sellers de ficção ou de autoajuda, a discos e vídeos. Nas universidades massificadas, os professores com trinta anos de experiência comprovam que cada vez se lê menos livros e mais xerox de capítulos isolados, textos curtos obtidos na internet, que compromete a informação. Diminuem os leitores “fortes” (extensivos ou intensivos), enquanto aumentam os leitores “fracos” ou “precários”, que, face aos “livros de adultos”, sentem que “perdem tempo”, mantêm imóvel o corpo, “como uma forma de morte”.

[...] Outros recolocam as publicações em circuitos e modos de informação diferentes, nos quais não se lê menos, mas, sim, de outra maneira [...].

Portanto, mesmo que se comprove um aumento das novas plataformas digitais e que se leia de outras maneiras, o livro impresso ainda tem seu lugar no mercado editorial. O consumo de livros tem aumentado, já que o mercado editorial vem crescendo com novas editoras, mas, esse aumento não está necessariamente ligado a um aumento também do número de leitores.

Com relação à dicotomia produção de livros X leitura, Chartier (2009, p. 154) afirma: “[...] o fato de que um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, não é senão um mundo de textos possíveis, inertes, sem existência verdadeira”. Pois, apesar de haver um aumento na produção de livros, há um declínio na leitura. De acordo com a Pesquisa sobre a Produção e Vendas do Setor Livreiro de 2011:

As editoras brasileiras comercializaram aproximadamente 469,5 milhões de livros em 2011, estabelecendo um novo recorde de vendas para o setor. O número é 7,2% superior ao registrado em 2010, quando cerca de 438

milhões de exemplares foram comercializados. Do ponto de vista do faturamento, o resultado também foi positivo, e atingiu a casa dos R\$ 4,837 bilhões – um crescimento de 7,36% sobre o ano anterior, o que, se descontada a inflação de 6,5% pelo IPCA no período, corresponde a um aumento real de 0,81%. (Pesquisa sobre a Produção e Vendas do Setor Livreiro de 2011 indica a Livraria como sendo o principal canal de vendas de livro)

Observa-se que, embora as pesquisas apontem que se lê menos nos dias atuais, o comércio livreiro cresceu e, nesse comércio, começam a despontar também os *e-readers* e *tablets*, nem sempre vantajosos como ferramentas de leitura, como aponta Plínio Martins Filho (2011, p. 168) em seu ensaio para a revista *Livro*. “[...] A premissa é ilusória, uma vez que, a exemplo de todos os *gadgets* das últimas décadas, o usuário logo será obrigado a comprar novas versões do aparelho [...] sob pena de ter em mãos um artefato obsoleto e sem suporte técnico”.

Diferentemente das ferramentas digitais de leitura, o livro impresso não tem prazo de validade, não precisa de atualizações técnicas, como ocorre com os computadores, e não corre o risco de não poder mais ser lido, em caso de uma mudança tecnológica. A tecnologia pode ficar obsoleta, mas o livro como objeto permanece válido e atual.

Assim, tem-se o aumento na venda de livros, além do consumo de *tablets* e *e-readers*, mas, apesar disso, as pesquisas apontam que no Brasil, em específico, as pessoas têm lido cada vez menos, mesmo com mais acesso a livros e às novas plataformas de leitura. Essas informações são apresentadas em dados obtidos e serão detalhadas posteriormente.

### **3. A situação da leitura no Brasil**

Neste tópico pretende-se discutir a atual situação da leitura no país com base em pesquisas. Por meio de dados obtidos pelo Instituto Pró-Livro, uma associação privada que tem como “objetivo principal o fomento à leitura e à difusão do livro”, constata-se que a população brasileira não tem uma prática de leitura frequente, mesmo com o acesso às novas ferramentas de leitura, e não apenas ao livro impresso.

Para reforçar as informações obtidas pelo Instituto Pró-Livro sobre a leitura, este artigo também foi embasado em uma pesquisa participativa induzida, pois, como afirma Maria Nazareth Ferreira (2006, p.118), “a indução é uma inferência conjectural

que passa de uma regularidade observada à afirmação de sua constância, ou da observação de certos indícios à existência de fatos mais ou menos prováveis”. Nessa pesquisa<sup>4</sup>, realizada por meio de um questionário, nota-se que a prática da leitura nas novas plataformas digitais ainda é restrita, de modo que são usadas basicamente para consultas, sejam elas técnicas, a trabalho, ou de pesquisas escolares. A pesquisa também possibilita a constatação de que, nesse grupo analisado, a prática da leitura diminuiu com o passar dos anos, muitas vezes em razão da falta de tempo e das novas obrigações da vida adulta.

Ainda como embasamento para tal hipótese, a de que a prática da leitura tem diminuído, realizou-se uma pesquisa/ entrevista, via e-mail, com o historiador francês Roger Chartier, na qual foi possível entrar em contato com suas posições acerca das mudanças ocorridas com os leitores e com os livros na atualidade.

Como bem frisou o pensador Edward Said, Chartier é um intelectual de seu tempo, que atua em benefício do que acredita, não apenas teorizando, mas pondo em prática seus estudos. Chartier está no *hall* de pesquisadores que fazem parte dos estudos e práticas capazes de auxiliar no entendimento e preservação da história do livro e da leitura, e não por menos foi o escolhido para expressar suas reflexões sobre o tema.

#### **4. Resultados**

Analisando os dados sobre a leitura no Brasil obtidos pelo Instituto Pró-Livro e organizados na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (apresentadas nos Anexos deste artigo), pode-se ter uma ideia mais concreta de como e quais livros a população brasileira tem lido. A pesquisa compara dados de 2007 e 2011, por faixa etária, e explicita as mudanças ocorridas entre esses anos com relação à prática da leitura, de acordo com a idade do entrevistado.

Os dados da primeira tabela<sup>5</sup> confirmam que as pessoas leem menos. Nela são comparados os dados de 2007 e 2011 e também a faixa etária – já que na fase escolar sempre se lê mais, em razão da obrigatoriedade de leitura. No Anexo 2 nota-se que o

---

<sup>4</sup> A pesquisa constituiu-se de um questionário, elaborado pela autora deste artigo, e este foi aplicado na última semana de março de 2013 a 14 pessoas, moradoras da cidade de São Paulo, com idades entre 25 e 35 anos, trabalhadores (além de estudantes em alguns casos) de classe média, na maioria mulheres.

<sup>5</sup> Ver Anexo 1.

gênero de livro lido com mais frequência entre os entrevistados é o livro didático, com 66% do total de leitores, seguido da Bíblia, com 65% de leitores.

Já no Anexo 3 tem-se um panorama sobre o uso das bibliotecas, em que as bibliotecas escolares configuram como as majoritariamente usadas. Nessa mesma tabela é possível identificar uma leve diminuição do uso de bibliotecas entre os anos 2007 e 2011 pelo mesmo grupo de pessoas.

Os Anexos 4, 5 e 6 se referem aos estudos relativos à leitura de livros digitais. No Anexo 4, encontra-se o perfil do leitor de livro digital (na maioria dos casos, estudante de ensino superior, com idade entre 18 e 24 anos). No Anexo 5, são apresentados os dados referentes ao número de pessoas que têm contato com *e-books* e livros digitais. Nesse estudo, a maioria dos entrevistados, 37% de 9,5 milhões de brasileiros, respondeu ainda pensar em ler mais livro impresso; e o número de pessoas que leu apenas um *e-book* chega a 42%. Por fim, no Anexo 6, são expostas as estimativas de uso futuro de tecnologias de livros digitais: dos entrevistados, a maioria, 48% de 168,5 milhões, respondeu que pretendem usar as novas ferramentas, 33% respondeu que não pretende e 19% não respondeu à pergunta.

Quanto ao questionário da pesquisa participativa induzida<sup>6</sup>, os resultados foram os seguintes: com relação à primeira pergunta, referente à média de livros que os entrevistados leem por ano e de quais gêneros, a resposta foi uma média de cinco livros por ano e principalmente do gênero ficção. A maioria dos entrevistados afirma não ler *e-books*, mas se mostra interessada em utilizar esse recurso para ler literatura; informação que vem ao encontro dos dados apresentados no Anexo 6.

Quando questionados sobre o empréstimo de livros em bibliotecas públicas, e se lembravam a última vez que o fizeram, dos 14 entrevistados, três disseram nunca ter emprestado; quatro responderam já ter emprestado, mas há muito tempo e não se recordavam do título; cinco afirmaram ter emprestado livros técnicos, para estudo; e dois declararam ter emprestado e ainda se lembraram da data e do título. Portanto, a maioria dos entrevistados afirma ter usado livros públicos com fins acadêmicos, como observado no Anexo 3.

Os entrevistados também foram questionados quanto à prática de baixar livros da internet, na modalidade paga ou gratuita, e quais gêneros de livros costumavam baixar. Dez dos entrevistados responderam positivamente à prática de baixar livros da

---

<sup>6</sup> Ver Apêndice 1.

internet, e costumam realizá-la, na maioria das vezes, na modalidade gratuita. Com relação à finalidade, os entrevistados disseram que baixam os livros, em geral, para consulta e pesquisa. Quatro entrevistados afirmaram que não têm o hábito de baixar livros.

Na pergunta seguinte, referente à quantidade de livros lida ao longo dos anos, a maioria dos entrevistados, dez pessoas, respondeu que lê menos, em razão da falta de tempo. Dois entrevistados declararam que leem mais, pois ainda estão na faculdade, e outros dois também responderam que leem mais atualmente em comparação com os anos anteriores.

A última pergunta se referia às novas plataformas de leitura, sobre a forma como os *e-books* contribuem para a promoção da leitura, ou se eles apenas auxiliam em pesquisas. Seis pessoas afirmaram usá-los para pesquisas e outras seis responderam que esse recurso pode vir a ajudá-las a ler mais. As outras duas pessoas disseram que não utilizam tal recurso.

Com relação à entrevista<sup>7</sup> concedida por Roger Chartier, que respondeu a algumas perguntas sobre livro e leitura, concluiu-se que mais pessoas têm acesso à escrita, mas que ainda restam dúvidas se o acesso mais democrático à escrita conduz necessariamente ao acesso a livros. Chartier informa que em todo o mundo as pessoas leem mais, motivadas pelas exigências do desenvolvimento da comunicação eletrônica, mas isso não significa que elas leem mais livros, como já foi visto anteriormente que as novas plataformas de leitura, como o computador, faz com que as pessoas leiam hipertextos, informações rápidas e não textos de formação, para o conhecimento.

Quando questionado sobre especulações de que o livro impresso pode acabar, mas que se observa justamente o contrário, isto é, que a produção impressa vem crescendo, Chartier responde que o aumento na produção não necessariamente indica boa saúde da edição. Para ele, publicar mais é buscar possíveis sucessos que compensem a redução global das compras de livros ou do número de pessoas que compravam muitos livros. Ainda complementa que esse aumento se deve também à criação de pequenas editoras especializadas em um mercado particular e que a multiplicação dos títulos publicados está geralmente acompanhada da redução do número de exemplares para cada edição. Essa concepção condiz com a afirmação apresentada anteriormente de que editoras vêm criando novos selos para gêneros

---

<sup>7</sup> Ver Apêndice 2.

específicos, para ter um crescimento nas vendas, o que não está relacionado com o aumento do número de leitores.

A última pergunta feita à Chartier, sobre as novas plataformas de leitura e se cada leitor optará por uma delas, dependendo de suas necessidades, o teórico tende a pensar que isso seja possível, e que também poderia se pensar na coexistência entre suportes eletrônicos e textos impressos. No entanto, afirma que nos Estados Unidos a desaparecimento da edição impressa de alguns jornais, como o *Baltimore Sun* e revistas como a *Newsweek*, permite pensar que o futuro pode não ser bem esse. Nota-se que essa extinção de edições impressas vem acontecendo em jornais e revistas, fontes de informação rápida, fato condizente com a utilidade da tela do computador ou *tablets*, os quais são usados pela maioria das pessoas para pesquisas e informações.

## **5. Considerações finais**

Este trabalho procurou traçar um breve panorama da história do livro e da leitura para analisar sua atual condição na sociedade dos dias atuais. Tomando como base o caso particular do Brasil, constatou-se que a prática da leitura vem diminuindo no país, embora surjam novas plataformas de leitura, com os meios digitais, haja um aumento da produção de livros e ainda a diminuição do número de analfabetos. Infelizmente, as taxas de crescimento das ferramentas de leitura e dos livros impressos não se equiparam à quantidade de livros lidos, mostrando um aspecto fugaz da leitura moderna. Hoje, com a velocidade e a quantidade de informações disponíveis, cada vez mais os leitores optam por leituras fragmentadas, que se baseiam em pesquisas.

Ainda que as ofertas de novas ferramentas digitais de leitura sejam cada vez maiores e que se publiquem mais livros, tornando a informação mais acessível, tais ferramentas ainda não surtiram efeitos no número de leitores de livros.

Também é necessário ver como a sociedade mudou sua forma de ler e interpretar, já que hoje há uma liberdade maior, o que nem sempre beneficia a todos, pois, sem conhecimento, não há como saber usá-la; e essa liberdade vem ao encontro de novas plataformas de leitura e também com a leitura digital, recurso ainda não utilizado para se ler mais.

Há que se pensar em quais ações poderia reverter esse quadro de declínio da leitura de livros no país. As bibliotecas digitais, que estão se formando, podem ter um papel fundamental na difusão do conhecimento, no entanto, elas correm o risco de

serem manipuladas com fins comerciais, uma vez que empresas privadas têm levado a cabo o processo de digitalização dos atuais acervos. Fora do âmbito digital, é importante pensar na preservação e divulgação dos acervos das bibliotecas físicas, que abrigam a história e a cultura de um povo e que, mesmo com toda a tecnologia disponível hoje, não deve ser esquecida. Esses espaços poderiam se tornar locais de encontro, que recuperassem, inclusive, a prática da leitura coletiva, como ocorria até o século XIX.

Nesses novos tempos de tecnologia, os indivíduos precisam ter discernimento em suas escolhas para usarem a tecnologia a seu favor. O que se almeja é que os homens tenham acesso às informações, mas que também saibam escolhê-las e criticá-las. É necessário pensar como as pessoas podem aproveitar melhor a tecnologia de que dispõem e não apenas consumir informações rápidas e passageiras, mas deixando-se contaminar com o deleite da leitura, das bibliotecas e de seus acervos, sejam eles digitais ou físicos, elementos tão preciosos para nossa cultura e história.

Assim, deve-se pensar em políticas públicas capazes de reverter esse cenário, para que nossa cultura de leitura e por conseguinte a criação de mais bibliotecas não fiquem esquecidas. Além disso, precisam ser criados incentivos para que, com a aplicação das novas plataformas, um maior número de pessoas, de variadas camadas sociais, possa tomar contato com a leitura que de fato possa conduzir ao conhecimento e à formação de cidadãos críticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANL. *Pesquisa sobre a Produção e Vendas do Setor Livreiro de 2011 indica a Livraria como sendo o principal canal de vendas de livro*. Disponível em: <[http://anl.org.br/web/pdf/pesquisa\\_cbisnel\\_2012.pdf](http://anl.org.br/web/pdf/pesquisa_cbisnel_2012.pdf)>. Acesso em: 26/04/2013.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BRASILIANA. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/sobre>>. Acesso em: 14/04/2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *O beijo do Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006.

FILHO, Plínio Martins. O futuro do livro impresso e as editoras. In: *Livro*. Cotia: Ateliê Editorial, n. 1, maio 2011.

FRAGA, Nayara. Brasileiro pode pular *e-reader* e ir direto ao *tablet*. *O Estado de S. Paulo*, 31 jan. 2013. Economia. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,brasileiro-pode--pular-e-reader-e--ir-direto-ao-tablet-,991133,0.htm>>. Acesso em: 14/04/2013.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

IBGE. Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 14/04/2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 3. ed.: Disponível em:  
<[http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf)>. Acesso em: 21/03/2013.

LANI, Adriano Ramon. *A literatura da cultura de massa*. Disponível em:  
<<http://monografias.brasilecola.com/educacao/a-literatura-cultura-massa.htm>>. Acesso em: 21/03/2013.

LONG, Jussara. *A biblioteca como fonte de informação em ciência e tecnologia*. Disponível em:  
<[http://bvsfiocruz.fiocruz.br/local/temp/Treinamento2008\\_2/Treinamento2008-2AprJussara01.pdf](http://bvsfiocruz.fiocruz.br/local/temp/Treinamento2008_2/Treinamento2008-2AprJussara01.pdf)>. Acesso em: 14/04/2013.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Primeiros Passos.)

PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

PEREIRA, José Mario. *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

REIMÃO, Sandra. Estudos sobre produção editorial e história dos livros no Brasil: algumas observações. In: *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 42, p.83-93, 2º sem. 2004.

\_\_\_\_\_. *Livros e televisão: correlações*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. *Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca*. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a17.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a17.pdf)>. Acesso em: 06/04/2013.

SAID, Edward W. *Representaciones del intelectual*. Barcelona: Paidós Studio, 1996.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. *Navegar no ciberespaço: perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*. São Paulo: Edusp, 2010.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001.